

INTERTEXTUALIDADE:

diálogos possíveis



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Koch, Ingedore G. Villaça

Intertextualidade : diálogos possíveis / Ingedore G. Villaça Koch, Anna Christina Bentes, Mônica Magalhães Cavalcante. – 3. ed. – São Paulo : Cortez, 2012.

Bibliografia.

ISBN 978-85-249-0134-8

1. Intertextualidade 2. Linguística 3. Teoria literária 4. Texto I. Bentes, Anna Christina. II. Cavalcante, Mônica Magalhães. III. Título.

07-1034

CDD--418

Índices para catálogo sistemático:

1. Intertextualidade : Linguística textual 418

Ingedore G. Villaça Koch
Anna Christina Bentes
Mônica Magalhães Cavalcante

INTERTEXTUALIDADE:

diálogos possíveis

3ª edição

 **CORTEZ**
EDITORA

INTERTEXTUALIDADE: diálogos possíveis

Ingedore G. Villaça Koch • Anna Christina Bentes • Mônica Magalhães Cavalcante

Capa: aeroestúdio

Preparação de originais: Jaci Dantas

Revisão: Lucimara Carvalho

Composição: Linea Editora Ltda.

Coordenação editorial: Danilo A. Q. Morales



Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou duplicada sem autorização expressa das autoras e do editor.

© 2007 by Autoras

Direitos para esta edição

CORTEZ EDITORA

Rua Monte Alegre, 1074 – Perdizes

05014-001 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3864-0111 Fax: (11) 3864-4290

e-mail: cortez@cortezeditora.com.br

www.cortezeditora.com.br

Impresso no Brasil – junho de 2012

AGRADECIMENTOS

Uma obra é sempre tributária dos diálogos com outras obras e outras pessoas. Por isso, gostaríamos de fazer alguns agradecimentos a pessoas especiais: a Vanda Elias, pelo constante diálogo e incentivo, a Judith Hoffnagel e a Edwiges Morato, pela generosidade intelectual e pelo incentivo e a Wladimir Gondim Leichsenring, Lílian Moreira Pará e Rafael Costa de Sousa, pelos momentos de discussão sobre o tema.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 Intertextualidade <i>stricto sensu</i>	17
1.1 Intertextualidade temática.....	18
1.2 Intertextualidade estilística	19
1.3 Intertextualidade explícita.....	28
1.4 Intertextualidade implícita.....	31
CAPÍTULO 2 O <i>détournement</i>	45
CAPÍTULO 3 Intertextualidade intergenérica e intertextualidade tipológica	63
3.1 A intertextualidade intergenérica.....	63
3.2 A intertextualidade tipológica	76
CAPÍTULO 4 Intertextualidade e polifonia	79
CAPÍTULO 5 Intertextualidade <i>lato sensu</i>	85
5.1 Introdução.....	85
5.2 Estratégias de manipulação de intertextualidade genérica	86
5.3 Estratégias de manipulação de intertextualidade tipológica	101

CAPÍTULO 6 Intertextualidade — outros olhares	119
6.1 A “intertextualidade restrita” de Genette	119
6.2 Paratextualidade e architextualidade — para além do texto, mas nas bordas da intertextualidade	131
6.3 A metatextualidade	133
6.4 A hipertextualidade e as relações de derivação	134
6.5 Um comentário final.....	143
 CONCLUSÃO	 145
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	 149
 ANEXOS	 157

APRESENTAÇÃO

A intertextualidade constitui um dos grandes temas a cujo estudo se têm dedicado, sob perspectivas teóricas distintas, tanto a Linguística Textual como uma série de outras disciplinas, particularmente a Teoria Literária, no interior da qual o conceito teve origem. A crítica literária francesa Julia Kristeva, responsável pela introdução do conceito na década de 1960, com base no postulado do dialogismo bakhtiniano, concebe cada texto como constituindo um intertexto numa sucessão de textos já escritos ou que ainda serão escritos.

A Linguística Textual, como iremos ver no desenvolvimento deste volume, incorporou o postulado dialógico de Bakhtin (1929), de que um texto (enunciado) não existe nem pode ser avaliado e/ou compreendido isoladamente: ele está sempre em diálogo com outros textos. Assim, todo texto revela uma relação radical de seu interior com seu exterior. Dele fazem parte outros textos que lhe dão origem, que o predeterminam, com os quais dialoga, que ele retoma, a que alude ou aos quais se opõe. Segundo Bakhtin (1986, p. 162), *“o texto só ganha vida em contato com outro texto (com contexto). Somente neste ponto de contato entre textos é que uma luz brilha, iluminando tanto o posterior como o anterior, juntando dado texto a um diálogo. Enfatizamos que esse contato é um contato dialógico entre textos... por trás desse contato está um contato de personalidades e não de coisas”*.

Sendo assim, este livro tem como principal objetivo analisar, com o auxílio de muitos exemplos, essa necessária presença do outro na-

quilo que dizemos (escrevemos) ou ouvimos (lemos), procurando dar conta das duas facetas desse fenômeno: a intertextualidade em sentido amplo (*lato sensu*), constitutiva de todo e qualquer discurso, e a intertextualidade *stricto sensu*, atestada pela presença necessária de um intertexto.

INTRODUÇÃO

Se pretendemos lançar um olhar sobre o fenômeno da intertextualidade, faz-se necessário ter claro em mente o conceito de texto sobre o qual nos iremos debruçar, já que este conceito não é de consenso não só entre as diferentes disciplinas teóricas que o tomam como objeto, mas, inclusive, no interior da Linguística Textual, pelo fato de, nas várias etapas de seu desenvolvimento, ter ele passado por uma série de transformações, conforme as perspectivas adotadas em cada momento.

Assim, num primeiro momento (segunda metade dos anos 1960), o texto foi visto, pela maioria dos pesquisadores, como uma entidade abstrata, o “signo linguístico primário” (Hartmann, 1968), a unidade mais alta do sistema linguístico, cujos elementos e regras combinatórias cabia à Linguística Textual determinar. Foi nesse período, portanto, que tiveram grande impulso os estudos sobre os mecanismos de coesão textual, ou seja, os recursos da língua que permitem estabelecer, entre os elementos constituintes de uma superfície textual, relações sintático-semânticas que lhe garantam a continuidade de sentido. Não se fazia, então, distinção clara entre coesão e coerência, termos muitas vezes usados como intercambiáveis e/ou equivalentes.

Em um segundo momento, já na segunda metade da década de 1970, ocorreu o que se chamou, em Koch (2004), de “virada pragmática”, alterando-se e alargando-se em muito o conceito primitivo de texto, por influência de teorias de ordem enunciativa, como a Teoria da Atividade Verbal, a Teoria dos Atos de Fala e a Teoria da Enunciação (cf. Koch,

2004). O objeto de estudo passa a ser o “texto-em-funções” (Schmidt, 1978), cuja constituição é determinada por uma série de fatores de natureza pragmática, como *intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade, intertextualidade*, ao lado da *coesão* e da *coerência*, cujos limites passam, agora, a ser traçados de forma mais precisa (cf. Beaugrande e Dressler, 1981; Van Dijk, 1978; 1981; Charolles, 1983).

Os anos 1980, por sua vez, caracterizaram-se pela incorporação, nas pesquisas em Linguística Textual, dos mecanismos, processos, estratégias de ordem cognitiva responsáveis pelo processamento textual e pela construção dos sentidos, de forma a ampliar-se grandemente o conceito de texto e, por decorrência, o objeto da própria Linguística Textual, conforme se pode verificar em Marcuschi (1983):

Proponho que se veja a LT, mesmo que provisória e genericamente, como o estudo das operações linguísticas e cognitivas reguladoras e controladoras da produção, construção, funcionamento e recepção de textos escritos ou orais. Seu tema abrange a coesão superficial ao nível dos constituintes linguísticos, a coerência conceitual ao nível semântico e cognitivo e o sistema de pressuposições e implicações ao nível pragmático da produção de sentido no plano das ações e intenções. Em suma, a LT trata o texto como um ato de comunicação unificado num complexo universo de ações humanas. (p. 12-13)

Percebe-se, então, que coesão e coerência não podem ser vistas de forma totalmente estanque, visto que, na construção de ambas, operam processos de ordem cognitiva, de tal modo que se deveria pensar em um contínuo: haveria alguns fenômenos mais típicos de coesão (por exemplo, as anáforas diretas correferenciais), e outros mais típicos de coerência (detecção da presença de intertextualidade, construção da macroestrutura global do texto), caminhando-se de um polo a outro do contínuo conforme a complexidade das inferências exigidas no processamento. Dessa forma, em se tratando de fenômenos como a *referenciação*, a interpretação de enunciados justapostos sem a presença de articuladores, haveria uma imbricação necessária entre coesão e coerência, pois estaria em jogo um “cálculo de sentido” (Koch, 1999).

Nova reviravolta vai ocorrer a partir dos anos 1990, quando da adoção do sociocognitivism e do interacionismo bakhtiniano, passando o texto a ser visto como:

[...] lugar de constituição e de interação de sujeitos sociais, como evento, portanto, em que convergem ações linguísticas, cognitivas e sociais (Beaugrande, 1997), ações por meio das quais se constroem interativamente os objetos-de-discurso e as múltiplas propostas de sentidos, como função de escolhas operadas pelos coenunciadores entre as inúmeras possibilidades de organização que cada língua lhes oferece... construto histórico e social, extremamente complexo e multifacetado... (Koch, 2002, p. 9)

É, portanto, à luz deste último paradigma, que a Linguística Textual vem desenvolvendo suas pesquisas, e é dessa perspectiva que procedemos aqui ao tratamento do fenômeno da intertextualidade, que vem constituindo um dos grandes temas a cujo estudo se têm dedicado, também, sob pontos de vista teóricos distintos, a Análise do Discurso (por exemplo, Maingueneau (2001) e, no Brasil, Fiorin & Barros (1994) e Brait (1997), entre outros); a Linguística Antropológica (cf. Bauman, 2004); e a Teoria Literária (cf. Kristeva, 1974; Genette, 1982; Jenny, 1979), no interior da qual o conceito teve sua origem.

Escreve o *Dicionário de linguagem e linguística* de Trask (2004):

O conceito de intertextualidade foi introduzido na década de 1960, pela crítica literária francesa Julia Kristeva. Num sentido mais óbvio, o termo pode ser aplicado aos casos célebres em que uma obra literária faz alusão a outra obra literária: por exemplo, o *Ulysses* de J. Joyce e a *Odisséia* de Homero (entre outros); o romance *Lord of flies*, de W. Golding e o livro *The coral island*, de R. M. Ballantyne; as últimas obras de Machado de Assis e o *Eclesiaste*; a *Invenção de Orfeu*, de Jorge de Lima e *Os lusíadas*. (p. 147)

Salienta ainda o *Dicionário* que “a intenção de Kristeva tem aplicação mais ampla: ela encara cada texto como constituindo um inter-

texto numa sucessão de textos já escritos ou que ainda serão escritos” (p. 147).

Segundo Kristeva (1974), qualquer texto se constrói como um mosaico de citações e é a absorção e transformação de um outro texto (p. 60). É nessa mesma linha de pensamento que Greimas (1966) afirma:

O texto redistribui a língua. Uma das vias dessa reconstrução é a de permutar textos, fragmentos de textos que existiram ou existem em redor do texto considerado, e, por fim, dentro dele mesmo; todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em níveis variáveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis.

A Linguística textual, como iremos ver no desenvolvimento deste trabalho, incorporou o postulado dialógico de Bakhtin (1929), de que um texto (enunciado) não existe nem pode ser avaliado e/ou compreendido isoladamente: ele está sempre em diálogo com outros textos.

Também na *Análise do discurso* encontram-se posições de certa forma semelhantes (mantidas, evidentemente, as diferenças de perspectiva teórica). Assim, podemos ler em Pêcheux (1969):

[...] Deste modo, dado discurso envia a outro, frente ao qual é uma resposta direta ou indireta, ou do qual ele “orquestra” os termos principais, ou cujos argumentos destrói. Assim é que o processo discursivo não tem, de direito, um início: o discurso se estabelece sempre sobre um discurso prévio.

Da mesma forma, Maingueneau (1976), ao afirmar que o intertexto constitui um dos componentes decisivos das condições de produção, ressalta: “um discurso não vem ao mundo numa inocente solitude, mas constrói-se através de um já-dito em relação ao qual toma posição” (p. 39).

A questão vem sendo examinada, também, sob o ângulo sociosemiológico. Assim, para Verón (1980), a pesquisa semiológica deve considerar três dimensões do princípio da intertextualidade:

- a) as operações produtoras de sentido são sempre intertextuais no interior de um certo universo discursivo (por exemplo, o cinema);
- b) o princípio da intertextualidade aplica-se também entre domínios discursivos diferentes (por exemplo, cinema e TV);
- c) no processo de produção de um discurso, há uma relação intertextual com outros discursos relativamente autônomos — manuscritos, rascunhos, primeiras versões e versões intermediárias — que, embora funcionando como momentos ou etapas da produção, não vão aparecer na superfície do discurso “produzido” ou “terminado”. Mas o estudo de tais textos pode oferecer esclarecimentos fundamentais não só sobre o processo de produção em si (veja-se a pesquisa da Crítica Genética), como também sobre o processo de leitura, no nível da recepção. Trata-se, conforme as palavras de Verón, de uma intertextualidade “profunda”, já que tais textos, que participam do processo de produção de outros textos, não atingem jamais (ou muito raramente) a consumação social dos discursos.

Ainda segundo Verón (1980, p. 82), a análise semiológica só pode avançar por diferença, isto é, por comparação entre objetos textuais: Um texto não tem propriedades “em si”: caracteriza-se somente por aquilo que o diferencia de outro texto [...]. Por isso, também a noção de intertextualidade não se refere apenas à verificação de um dos aspectos do processo de produção dos discursos, mas também à expressão de uma regra de base do método [...]; trabalha-se sempre sobre vários textos, conscientemente ou não, uma vez que as operações na matéria significante são, por definição, intertextuais.

Todo texto é, portanto, um objeto heterogêneo, que revela uma relação radical de seu interior com seu exterior. Dele fazem parte outros textos que lhe dão origem, que o predeterminam, com os quais dialoga, que ele retoma, a que alude ou aos quais se opõe. Nas palavras de Bakhtin,

O texto só ganha vida em contato com outro texto (com contexto). Somente neste ponto de contato entre textos é que uma luz brilha, iluminando tanto o posterior como o anterior, juntando dado texto a um diálogo. Enfatizamos que esse contato é um contato dialógico entre textos... Por trás desse contato está um contato de personalidades e não de coisas. (Bakhtin, 1986, p. 162)

Cabe, também, lembrar que a Linguística Textual tem mostrado que a comparação dos textos produzidos em dada cultura permite depreender as propriedades formais, estilísticas e temáticas comuns a determinados gêneros textuais (intertextualidade metagenérica), bem como estruturas comuns a cada um dos tipos textuais (intertextualidade tipológica). Tais propriedades são representadas na memória social sob forma de esquemas (cf., por exemplo, Van Dijk e Kintsch, 1983; Van Dijk, 1983; 1989), que desempenham papel de grande relevância no processamento textual, quer em termos de produção, quer em termos de compreensão.

Em razão desta — necessária — presença do outro naquilo que dizemos (escrevemos) ou ouvimos (lemos) é que postulamos a existência de uma intertextualidade ampla, constitutiva de todo e qualquer discurso, a par de uma intertextualidade *stricto sensu*, esta última atestada, necessariamente, pela presença de um intertexto.

CAPÍTULO 1

INTERTEXTUALIDADE *STRICTO SENSU*

A intertextualidade *stricto sensu* (daqui por diante, apenas *intertextualidade*) ocorre quando, em um texto, está inserido outro texto (intertexto) anteriormente produzido, que faz parte da memória social de uma coletividade ou da memória discursiva (*domínio estendido de referência*, cf. Garrod, 1985) dos interlocutores. Isto é, em se tratando de intertextualidade *stricto sensu*, é necessário que o texto remeta a outros textos ou fragmentos de textos *efetivamente* produzidos, com os quais estabelece algum tipo de relação.

Como afirma Jenny (1979):

Propomo-nos a falar de intertextualidade desde que se possa encontrar num texto *elementos anteriormente estruturados, para além do lexema, naturalmente*, mas seja qual for o seu nível de estruturação. (p. 14; grifo nosso)

Importante, contudo, é frisar, como o faz Bauman (2004, p. 6), que toda e qualquer retextualização de um texto prévio implica uma mudança de chave, uma alteração em sua força ilocucionária e em seu efeito perlocucionário — ou seja, no que ele vale (*counts as*) e no que ele faz.

Diversos tipos de intertextualidade têm sido relacionados, cada qual com características próprias: intertextualidade temática, intertextualidade estilística; intertextualidade explícita, intertextualidade implícita; autotextualidade, intertextualidade com textos de outros enunciadores, inclusive um enunciador genérico; intertextualidade “das semelhanças” e “das diferenças” (no dizer de Sant’Anna, 1985); intertextualidade intergenérica; intertextualidade tipológica. Delas trataremos nos próximos capítulos.

Cabe lembrar, ainda, que há autores que reservam o termo *intertextualidade* somente para os casos em que se recorre a intertextos alheios. Quando um autor ou compositor insere em seu texto trechos de outras obras suas, preferem falar em *autotextualidade* ou *intratextualidade*. Não faremos distinção, no entanto, entre intertextualidade e autotextualidade.

1.1 Intertextualidade temática

A *intertextualidade temática* é encontrada, por exemplo, entre textos científicos pertencentes a uma mesma área do saber ou uma mesma corrente de pensamento, que partilham temas e se servem de conceitos e terminologia próprios, já definidos no interior dessa área ou corrente teórica; entre matérias de jornais e da mídia em geral, em um mesmo dia, ou durante um certo período em que dado assunto é considerado focal; entre as diversas matérias de um mesmo jornal que tratam desse assunto; entre as revistas semanais e as matérias jornalísticas da semana; entre textos literários de uma mesma escola ou de um mesmo gênero, como acontece, por exemplo, nas epopeias, ou mesmo entre textos literários de gêneros e estilo diferentes (temas que se retomam ao longo do tempo, como o do usurário, na *Aululária* de Plauto, em *O avaro*, de Molière e em *O santo e a porca*, de Ariano Suassuna) e o tema da *Medeia* de Eurípedes, da *Medeia* de Sêneca e de *A gota d’água*, de Chico Buarque/ Paulo Pontes; entre diversos contos de fadas tradicionais e lendas que fazem parte do folclore de várias culturas, como

é o caso do *dilúvio* e da *caixa de Pandora*, que são encontrados em muitas mitologias, embora, é claro, em versões diferentes; histórias em quadrinhos de um mesmo autor; diversas canções de um mesmo compositor ou de compositores diferentes; um livro e o filme ou novela que o encenam; as várias encenações de uma mesma peça de teatro, as novas versões de um filme, e assim por diante.

1.2 Intertextualidade estilística

Descartamos a possibilidade de existência de uma intertextualidade apenas de forma, como por vezes se costuma postular, já que defendemos a posição de que toda forma necessariamente emoldura, *enforma* determinado conteúdo, de determinada maneira. A intertextualidade estilística ocorre, por exemplo, quando o produtor do texto, com objetivos variados, repete, imita, parodia certos estilos ou variedades linguísticas: são comuns os textos que reproduzem a linguagem bíblica, um jargão profissional, um dialeto, o estilo de um determinado gênero, autor ou segmento da sociedade. Vejam-se os exemplos abaixo, divulgados na Internet, que têm como intertexto a oração do Pai Nosso ou outras orações da liturgia cristã:

Oração dos Programadores

Sistema operacional que estais na memória,
 Compilado seja o vosso programa,
 Venham à tela os vossos comandos,
 Seja executada a nossa rotina,
 Assim na memória como na impressora.
 Acerto nosso de cada dia, rodai hoje
 Informai os nossos erros,
 Assim como nós informamos o que está corrigido.
 Não nos deixeis cair em looping,
 Mas livrai-nos do Dump,
 Amém.

Oração do Internauta

Satélite nosso que estais no céu, acelerado seja o vosso link, venha a nós o vosso host, seja feita vossa conexão, assim em casa como no trabalho.

O download nosso de cada dia nos dai hoje, perdoai nosso tempo perdido no Chat, assim como nós perdoamos os banners de nossos provedores.

Não nos deixeis cair a conexão e livrai-nos do Spam,
Amém!

Oração de Natal com Retrospectiva 2006 (Luiz Celso Pinto)

Pelo projeto político do deputado Clodovil
Pelo “espetáculo do crescimento” que até hoje ninguém viu
Pelas explicações sucintas do ministro Gilberto Gil
Senhor, tende piedade de nós

Pelo jeitinho brejeiro da nossa juíza
Pelo perigo constante quando Lula improvisa
Pelas toneladas de botox da Dona Marisa
Senhor, tende piedade de nós

Pelo Marcos Valério e o Banco Rural
Pela casa de praia do Sérgio Cabral
Pelo dia em que Lula usar o plural
Senhor, tende piedade de nós

Pelo nosso Delúbio e Valdomiro Diniz
Pelo “nunca antes nesse país”
Pelo povo brasileiro que acabou pedindo bis
Senhor, tende piedade de nós

Pela Cicarelli na praia namorando sem vergonha
Pela Dilma Rousseff sempre tão risonha
Pelo Gabeira que jurou que não fuma mais maconha
Senhor, tende piedade de nós

Pela importante missão do astronauta brasileiro
Pelos tempos que Lorenzetti era só marca de chuveiro
Pelo Freud que “não explica” a origem do dinheiro
Senhor, tende piedade de nós

▶ Pelo casal Garotinho e sua cria
Pelos pijamas de seda do “nosso guia”
Pela desculpa de que “o presidente não sabia”
Senhor, tende piedade de nós

Pela jogada milionária do Lulinha com a Telemar
Pelo espírito pacato e conciliador do Itamar
Pelo dia em que finalmente Dona Marisa vai falar
Senhor, tende piedade de nós

Pela “queima do arquivo” Celso Daniel
Pela compra do dossiê no quarto de hotel
Pelos “hermanos compañeros” Evo, Chaves e Fidel
Senhor, tende piedade de nós

Pelas opiniões do prefeito César Maia
Pela turma de Ribeirão que caía na gandaia
Pela primeira dama catando conchinha na praia
Senhor, tende piedade de nós

Pelo escândalo na compra de ambulâncias da Planam
Pelos aplausos “roubados” do Kofi Annan
Pelo lindo amor do “sapo barbudo” por sua “rã”
Senhor, tende piedade de nós

Pela Heloisa Helena nua em pêlo
Pela Jandira Feghali e seu cabelo
Pelo charme irresistível do Aldo Rebelo
Senhor, tende piedade de nós

Pela greve de fome que engordou o Garotinho
Pela Denise Frossard de colar e terninho
Pelas aulas de subtração do professor Luizinho
Senhor, tende piedade de nós

Pela volta triunfal do “caçador de marajás”
Pelo Duda Mendonça e os paraísos fiscais
Pelo Galvão Bueno que ninguém aguenta mais
Senhor, tende piedade de nós

▶

Pela eterna farra dos nossos banqueiros
Pela quebra do sigilo do pobre caseiro
Pelo Jader Barbalho que virou “conselheiro”
Senhor, tende piedade de nós

Pela máfia dos “vampiros” e “sanguessugas”
Pelas malas de dinheiro do Suassuna
Pelo Lula na praia com sua sunga
Senhor, tende piedade de nós

Pelos “meninos aloprados” envolvidos na lambança
Pelo plenário do Congresso que virou pista de dança
Pelo compadre Okamoto que empresta sem cobrança
Senhor, tende piedade de nós

Pela família Maluf e suas contas secretas
Pelo dólar na cueca e pela máfia da Loteca
Pela mãe do presidente que nasceu analfabeta
Senhor, tende piedade de nós

Pela invejável cultura da Adriana Galisteu
Pelo “picolé de xuxu” que esquentou e derreteu
Pela infinita bondade do comandante Zé Dirceu
Senhor, tende piedade de nós

Pela eterna desculpa da “herança maldita”
Pelo “chefe” abusar da birita
Pelo novo penteado da companheira Benedita
Senhor, tende piedade de nós

Pela refinaria brasileira que hoje é boliviana
Pelo “compañero” Evo Morales que nos deu uma banana
Pela mulher do presidente que virou italiana
Senhor, tende piedade de nós

Pelo MST e pela volta da Sudene
Pelo filho do prefeito e pelo neto do ACM
Pelo político brasileiro que coloca a mão na “m”
Senhor, tende piedade de nós

▶ Pelo Ali Babá e sua quadrilha
 Pelo Gushiken e sua cartilha
 Pelo Zé Sarney e sua filha
 Senhor, tende piedade de nós

Pelas balas perdidas na Linha Amarela
 Pela conta bancária do bispo Crivella
 Pela cafetina de Brasília e sua clientela
 Senhor, tende piedade de nós

Pelo crescimento do PIB igual do Haiti
 Pelo Doutor Enéas e pela senhorita Suely
 Pela décima plástica da Marta Suplicy
 Senhor, tende piedade de nós

Por fim,
 Para que possamos festejar juntos os próximos natais
 Senhor, dai-nos a paz!!!

É sabido, também, que um dos cânones da poesia épica clássica era a técnica da imitação, da retomada das fontes, como se pode ver entre os versos de Petrarca e Camões, citados por Sant'Anna (1985), reproduzidos a seguir:

L'Amante nell'amato se transforma (Petrarca)
 Transforma-se o amador em cousa amada (Camões)

Che contra el ciel non val difesa umana (Petrarca)
 Que contra o céu não val defesa humana (Camões)

Veja-se, a seguir, o texto *Grande ser, tão veredas*, em que o autor, Paulo Leminski, usa o estilo de Guimarães Rosa para fazer o comentário crítico da minissérie que vinha sendo exibida na época pela TV Globo:

Grande ser, tão veredas

“A pois. E não foi, num vupt-vapt, que as altas histórias gerais da jagunçagem deram de ostentar suas prosápias e bizarrias no tal horário nobre da caixinha de surpresas, pro bem e pro mal, Rede Globo chamada?”

Compadre mano velho, mire e veja as voltas que o mundo dá. Quem haveria de dizer que toda essa aprazível gente cidadã ia botar gosto em saber das fabulações daqueles tempos, quando o desmando e a contra-lei atropelavam os descampados do Urucuia, lá praquelas bandas brabas, onde tanto boi berra?

Só dizendo mesmo, a bem dizer, como proclamava meu compadre de Andrade, Oswald, dito e falado, lauto fazendeiro de S. Paulo: a massa ainda vai comer do biscoito fino que eu fabrico. A graça que ia nisso! Tinha muita graça meu compadre de Andrade. Mas o senhor, que é homem instruído, não faça pouco nem ponha reparo nas facécias do compadre Oswald. Era homem sabido de esperto, e quando parecia que estava mais se rindo, mais se estava falando sério. Tudo questão de tino, coisa que é que nem coragem, que tem, como tem gente que não vai ter nunca.

De modos que esse brazilzão todo, rol de gente de nunca acabar, está ficando sabendo, devagarinho, das andanças do jagunço Riobaldo Tata-rana, ao lado do seu querido Reinaldo, vale dizer Diadorim. Só que tem um desconforme. A gente não sabia, de princípio, que Reinaldo era mulher, que nem a gente já fica sabendo nas televisivas fabulações. E se bem me alembro, a memória tem dessas coisas, Reinaldo não era tão bonito como essa beleza de dona Bruna, Lombardi chamada, italiana tirana de tanta boniteza. Semelhava assim, no pisco do olho, uns jeitos de garoto nos seus quinze, o mais tardar seus dezessete anos, embora-mente mais judiado, que a jagunça vida nasceu para dar a formosura pra ninguém.

Nem ninguém jagunceia por picardia, jagunceia por precisão.

Tarcísio Meira? Meira, dos Meira de Buritis-Altos? Ah, não. A pois. Veja você, que é gente de prol e de escol, mire e veja. Não assemelha o Hermógenes. Não, Deus esteja. T’arrenego, e esconjuro! O cão com o cão, e a faca na mão! Aquilo não era criatura de Deus, quem viu, viu sabendo, e bem sabido. Era feio como a necessidade, ninguém nunca deitou os olhões num indivíduo mais puxado a sapo, que até cascavel, pra quem gosta, até tem lá suas graças e desenhadas cores.

É, despotismo de calamidades! Teve o fim que mereceu, que o diabo escolhe quem quer, Deus só escolhe os seus.

Do Diabo? Daa? Diadorim? Do diabo, não se fala. Que diabo hoje não faz favor na gente cidadã. Que diabo, que nada! o coisa-ruim, o que-nem-se-diga, o diantre, o dívida-externa, o Aids, o inflação, o Dielfim-Netto! Acreditar não digo que a gente acreditava. Difícil era achar quem duvidasse, o senhor releve a sutileza, que é cortesia de jagunço velho, mor de não estragar a pontaria.

Pontaria, pontaria mesmo, quem teve nem nunca deixou de ter, foi Riobaldo Tatarana Guimarães Rosa, esse o nome cabal e completo, homem de muitas letras, nenhum igual ninguém nunca nem viu. A pois, mano velho. Tino e siso era ali, jagunço de caudaloso cabedal, tiro certo no olho da onça jaguarete, pau e pau, pum e pum.

Quem dissera? Nem quem diria! Aquela parolagem toda, jaguncismo de lei, no tal nobre horário da Rede Globo chamada... Custoso é o mundo de entender, custosa a fala de Riobaldo Tatarana Guimarães Rosa. Aquilo é falar de cristão, cruz-credo, me persigno!" Nem nenhuma lei de sã gramática aquele jagunço reverenciava, e era tudo um redemoinho de sustos, que gente como nós é minuciosa nas artes do sem-sobreaviso. Surpresa só. Vá que a gente cidadã nos seus nobres horários vá saber o que a gente só dizia no oco do toco, o senhor que é de lá me diga... e a caixa de surpresa, televisão chamada, não tem validade de força pra suflagar no durante e no seguinte, os cafundós de filosofismo que Tatarana fosse o Homero desses brasis todos, Homero, o senhor sabe, o Adão dos cantadores...

Divago. Mas não disperso. Esse rural acabou. A pois. Mas que foi muita coragem desse tal sio Avancino, Avancini, o senhor me corrija e reja, de ponhar em vídeo e áudio tanto caudal primitivo, que isso foi, foi macheza, ninguém duvida, quem houvera de? Eh, mão de obra!

Efetuar proezas é da vida, e o que for do homem, o bicho não come. Contar é que impecilha, a lembrança não pousa nunca no mesmo lugar, e o dito nunca fica como foi, nem o escrito, que só vem muito depois.

Consoantemente meu compadre falecido Tatarana, na glória esteja! Costume e tenho bom uso de dizer, que com ele aprendi, "viver é muito perigoso".

Vê lá se televisionar não houvera de ser".

Observe-se, também, o texto abaixo, propagado pela internet:

Escândalo e Literatura

(... o caso do dinheiro na cueca)

- Um Haicai:
“Cueca e dinheiro, o outono da ideologia do vil companheiro”
- À moda Machado de Assis:
“Foi petista por 25 anos e 100 mil dólares na cueca”
- À moda Dalton Trevisan:
“PT. Cem mil. Cueca. Acabou.”
- À moda concretista:
“PT
cueca
cu
PT
eca
peteca
te
peca
cloaca”.
- À moda Graciliano Ramos:
“Parecia padecer de um desconforto moral. Eram os dólares a lhe pressionar os testículos.”
- À moda Rimbaud:
“Prendi os dólares na cueca, e vinte e cinco anos de rutilantes empulhações cegaram-me os olhos, mas não o raio-x.”
- À moda Álvaro de Campos:
“Os dólares estão em mim já não me sou mesmo sendo o que estava destinado a ser nunca fui senão isto: um estelionato moral na cueca das ideias vãs.”
- À moda Drummond:
“Tinha um raio-x no meio do caminho, e agora José?”

- À moda Proust:
“Acabrunhado com todas aquelas denúncias e a perspectiva de mais um dia tão sombrio como os últimos, juntei os dólares e levei-os à cueca. Mas no mesmo instante em que aquelas cédulas tocaram a minha pele, estremei, atento ao que se passava de extraordinário em mim. Invadira-me um prazer delicioso, isolado, sem noção da sua causa. Esse prazer logo me tornara indiferente às vicissitudes da vida, inofensivos seus desastres, ilusória sua brevidade, tal como o fazem a ideologia e o poder, enchendo-me de uma preciosa essência.”
- À moda T. S. Elliot:
“Que dólares são estes que se agarram a esta imundície pelancosa? Filhos da mãe! Não podem dizer! Nem mesmo estimam O mal porque conhecem não mais do que um tanto de ideias fraturadas, batidas pelo tempo. E as verdades mortas já não mais os abrigam nem consolam.”
- À moda Lispector:
“Guardei os dólares na cueca e senti o prazer terrível da traição. Não a traição aos meus pares, que estávamos juntos, mas a séculos de uma crença que eu sempre soube estúpida, embora apaixonante. Sentia-me ao mesmo tempo santo e vagabundo, mártir de uma causa e seu mais sujo servidor, nota a nota.”
- À moda Lênin:
“Não escondemos dólares na cueca, antes afrontamos os fariseus da social-democracia. Recorrer aos métodos que a hipocrisia burguesa criminaliza não é, pois, crime, mas ato de resistência e fratura revolucionária. Não há bandidos quando é a ordem burguesa que está sendo derribada. Robespierre não cortava cabeças, mas irrigava futuros com o sangue da reação. Assim faremos nós: o dólar na cueca é uma arma que temos contra os inimigos do povo. Não usá-la é fazer o jogo dos que querem deter a revolução. Usá-la é dever indeclinável de todo revolucionário.”
- À moda Stálin:
“Guarda a grana e passa fogo na cambada!”
- À moda Gilberto Gil:
“Se a cueca fosse verde como as notas, teríamos resgatado o sentido de brasilidade impregnado nas cores diáfanas de nosso pendão, numa sinergia caótica com o mundo das tecnologias e dos raios que, diferen-

temente dos da baianidade, não são de sol nem das luzes dos orixás, mas de um aparelho apenas, aleatoriamente colocado ali, naquele momento, conformando uma quase coincidência entre a cultura do levar e trazer numerário, tão nacional, tão brasileira quanto um poema de Torquato.”

- À moda Ferreira Gullar:
“Sujo, sujo, não como o poema mas como os homens em seus desvios.”
- À moda Paulinho da Viola:
“Dinheiro na cueca é vendaval.”
- À moda Camões:
“Eis pois, a nau ancorada no porto à espreita dos que virão d’além na cobiça da distante terra, trazendo seus pertences, embarcam minh’alma se aflige tão cedo desta vida descontente.”
- À moda Guimarães Rosa:
“Notudo. Ficado ficou. Era apenas a vereda errada dentre as várias.”
- À moda Shakespeare:
“Meu reino por uma ceroula!!!”
- À moda Dráuzio Varela:
“Ao perceber na fila de embarque o cidadão à frente, notei certa obesidade mediana na região central. Se tivesse me sentado ao seu lado durante o voo, recomendaria um regime, vexame que me foi poupado pelos agentes da PF de plantão no aeroporto. Cuidado, portanto, nem toda morbidez é obesidade.”
- À moda Neruda:
“Cem mil dólares e uma cueca desesperada.”

1.3 Intertextualidade explícita

A intertextualidade será explícita quando, no próprio texto, é feita menção à fonte do intertexto, isto é, quando um outro texto ou um fragmento é citado, é atribuído a outro enunciador; ou seja, quando é reportado como tendo sido dito por outro ou por outros genera-

lizados (“Como diz o povo...”, “segundo os antigos...”). É o caso das citações, referências, menções, resumos, resenhas e traduções; em textos argumentativos, quando se emprega o recurso à autoridade; e, em se tratando de situações de interação face a face, nas retomadas do texto do parceiro, para encadear sobre ele ou contraditá-lo, ou mesmo para demonstrar atenção ou interesse na interação — neste último caso, funcionando de modo semelhante a um sinal de retroalimentação (*backchannel*). Observe-se as duas citações abaixo, extraídas de Koch (2004):

- (1) Mondada (2001) enuncia claramente esta tese, quando propõe substituir a noção 'de referência pela de referenciação e, conseqüentemente, a noção de referente pela de objeto de discurso:

“A questão da referência é um tema clássico da filosofia da linguagem, da lógica e da linguística: nestes quadros, ela foi historicamente posta como um problema de representação do mundo, de verbalização do referente, em que a forma linguística selecionada é avaliada em termos de verdade e de correspondência com ele (o mundo). A questão da referenciação opera um deslizamento em relação a este primeiro quadro: ela não privilegia a relação entre as palavras e as coisas, mas a relação intersubjetiva e social no seio da qual as versões do mundo são publicamente elaboradas, avaliadas em termos de adequação às finalidades práticas e às ações em curso dos enunciadoreis.

No interior dessas operações de referenciação, os interlocutores elaboram **objetos de discurso**, i.e., entidades que não são concebidas como expressões referenciais em relação especular com objetos do mundo ou com sua representação cognitiva, mas entidades que são interativamente e discursivamente produzidas pelos participantes no fio de sua enunciação. Os objetos de discurso são, pois, entidades constituídas nas e pelas formulações discursivas dos participantes: é no e pelo discurso que são postos, delimitados, desenvolvidos e transformados objetos de discurso que não preexistem a ele e que não têm uma estrutura fixa, mas que, ao contrário, emergem e se elaboram progressivamente na dinâmica discursiva. Dito de outra forma, o objeto de discurso não remete a uma verbalização de um objeto autônomo e externo às práticas languageiras; ele não é um referente que teria sido codificado linguisticamente.” (p. 9)

- (2) Van Dijk, em sua obra *Studies in the Pragmatics of Discourse* (1981), escreve:

“o planejamento pragmático de um discurso/conversa o requer a atualiza o mental de um conceito de ato de fala global.   com respeito a **esse macroato de fala** que ele constr o o prop sito da intera o: que X quer saber ou fazer algo. Se dissermos de maneira bastante vaga, embora familiar nas ci ncias sociais, que a a o humana   finalisticamente orientada, estaremos significando que sequ ncias de a es, que [...] s o realizadas sob o controle efetivo de uma macrointen o ou plano, encaixado numa macrofinalidade, para um ou mais atos globais. Enquanto tal macroproposi o   a representa o das consequ ncias desejadas de uma a o [...], a macrointen o ou plano   a representa o conceitual do estado final, isto  , do resultado da macroa o. Sem um macroprop sito e uma macrointen o, ser amos incapazes de decidir qual ato de fala concreto poderia propiciar um estado a partir do qual o resultado pretendido e a meta intencionada poderiam ser alcan ados”.

Em (1), a autora cita um trecho de uma obra de Mondada (2001), e em (2), um trecho de Van Dijk (1981) para exemplificar uma posi o te rica, recorrendo, assim, ao argumento de autoridade para abalizar sua tese. J  de (3) a (6), que s o exemplos de intera o face a face, pode-se verificar a retomada da fala do parceiro, com finalidades diversas: em (3), para tom -la como argumento para determinada conclus o; em (4), para desacredit -la; em (5), para contradit -la ou mostrar-se ofendido; e, em (6), para protelar a resposta.

- (3) — M e, o dia ensolarado!
— O dia ensolarado? Ent o podemos fazer o piquenique que t nhamos combinado.
- (4) — Eu n o acredito em duendes.
— Eu n o acredito em duendes... Quero s o ver se isso   mesmo verdade!
- (5) — Voc  n o entende nada desse assunto.
— N o entendo nada desse assunto! Por acaso est  me chamando de burro?
- (6) — Pai, voc  me leva ao jogo no domingo?
— Ao jogo no domingo? Huum, vou pensar...

Cabe ressaltar que, evidentemente, a entonação em cada uma dessas retomadas não só é significativamente diferente da do enunciado de origem, como varia conforme a função da réplica: adesão, em (3); dúvida/discordância, em (4); contestação, em (5); protelação da resposta, em (6).

1.4 Intertextualidade implícita

Tem-se a intertextualidade implícita quando se introduz, no próprio texto, intertexto alheio, sem qualquer menção explícita da fonte, com o objetivo quer de seguir-lhe a orientação argumentativa, quer de contraditá-lo, colocá-lo em questão, de ridicularizá-lo ou argumentar em sentido contrário. No primeiro caso, verificam-se paráfrases, mais ou menos próximas, do texto-fonte: é o que Sant'Anna (1985) denomina "*intertextualidade das semelhanças*", e Grésillon e Maingueneau (1984) chamam de *captação*; no segundo, incluem-se enunciados parodísticos e/ou irônicos, apropriações, reformulações de tipo concessivo, inversão da polaridade afirmação/negação, entre outros (*intertextualidade das diferenças*, para Sant'Anna, 1985; *subversão*, para Grésillon e Maingueneau, 1984).

Nos casos de intertextualidade implícita, o produtor do texto espera que o leitor/ouvinte seja capaz de reconhecer a presença do intertexto, pela ativação do texto-fonte em sua memória discursiva, visto que, se tal não ocorrer, estará prejudicada a construção do sentido, mais particularmente, é claro, no caso da subversão. Também nos casos de captação, a reativação do texto primeiro se afigura de relevância; contudo, por se tratar de uma paráfrase, mais ou menos fiel, do sentido original, quanto mais próximo o segundo texto for do texto-fonte, menos é exigida a recuperação deste para que se possa compreender o texto atual (embora, é claro, tal recuperação venha incrementar a possibilidade de construção de sentidos mais adequados ao projeto de dizer do produtor do texto).

Há, também, casos especiais em que tal recuperação se torna altamente indesejável: é aqui que se poderia falar de plágio, como demonstrou Christofe (1996). Isto é, o plágio seria um tipo particular de intertextualidade implícita, com valor de captação, mas no qual, ao contrário dos demais, o produtor do texto espera (ou deseja) que o interlocutor não tenha na memória o intertexto e sua fonte (ou não venha a proceder à sua ativação), procurando, para tanto, camuflá-lo por meio de operações de ordem linguística, em sua maioria de pequena monta (apagamentos, substituições de termos, alterações de ordem sintática, transposições etc.). Assim, o plágio pode ser visto, dentro dessa perspectiva, como o caso extremo da captação.

Já na intertextualidade implícita com valor de subversão, como dissemos, a “descoberta” do intertexto torna-se crucial para a construção do sentido. Por serem as fontes dos intertextos, de maneira geral, trechos de obras literárias, de músicas populares bem conhecidas ou textos de ampla divulgação pela mídia, bordões de programas humorísticos de rádio ou TV, assim como provérbios, frases feitas, ditos populares etc., tais textos-fonte fazem parte da memória coletiva (social) da comunidade, imaginando-se que possam, em geral, ser facilmente acessados por ocasião do processamento textual — embora, evidentemente, não haja nenhuma garantia de que isso venha realmente a acontecer. Os exemplos são extremamente abundantes, por exemplo, na publicidade, na música popular, no humor, na literatura e na mídia em geral. Vejamos alguns exemplos:

(7) O teu cabelo não nega...

O teu cabelo não nega...



A linha Capi Vida de Ativos deixa os seus cabelos sempre bem tratados, bonitos e saudáveis.



Capi Vida é mais força, ritmo e movimento. Linha Capi Vida com Ceramidas. O teu cabelo não nega...



Cabelo é vida. Capi Vida. Mais *Vida* para seus cabelos.

(8) Bom Conselho
(Chico Buarque de Hollanda)

Ouçã um bom conselho
Que eu lhe dou de graça
Inútil dormir que a dor não passa
Espere sentado
Ou você se cansa
Está provado, quem espera nunca alcança

Venha, meu amigo
Deixe esse regaço
Brinque com meu fogo
Venha se queimar
Faça como eu digo
Faça como eu faço
Aja duas vezes antes de pensar

Corro atrás do tempo
Vim de não sei onde
Devagar é que não se vai longe
Eu semeio vento na minha cidade
Vou pra rua e bebo a tempestade

Como se vê nesse exemplo, Chico Buarque procede a uma subversão de vários provérbios bem conhecidos. Nesses casos de enunciações de origem desconhecida, como provérbios, frases feitas, ditos populares, que fazem parte da cultura do povo e que se repetem anonimamente através do tempo, a fonte é um enunciador genérico, representante da sabedoria popular, da opinião pública (a “*vox populi*”, a quem Berrendonner (1981) denomina **ON** — em francês, o pronome indefinido *a gente, alguém*). Trata-se de “enunciações-eco” de um número ilimitado de enunciações anteriores, avalizadas por esse enunciador genérico, que é o representante da “*vox populi*”, do saber geral da comunidade no interior da qual aquelas são re-enunciadas, de modo que a recuperação é praticamente certa.

Vejamos, ainda, o texto de Millôr Fernandes (*Veja*, 18/10/2006) transcrito abaixo, em que o autor se serve de um conjunto de ditos populares para montar o seu texto. Aqui fica bem evidente como, inseridos em novo contexto, estes enunciados passam a apontar para um novo sentido, indiciado no título e no lead:

(9) Tão sincero quanto o medo
Debate das lideranças (Millôr)

- Dá licença?
- Licença só na Prefeitura.
- Como é que é?
- Sendo.
- Mas como é que vai?
- Aquela coisa.
- E a família?
- Na mesma.
- Mas, fala o que é que há?
- Está pra haver o diabo e você está no meio.
- E quando é que você revela de onde veio o dinheiro?
- No Dia de São Nunca a qualquer hora em ponto.
- Ah, é? E agora?
- Suja na mão e bota fora.
- O que é que você quer dizer com isso?
- Chouriço.
- Mostra, eu quero ver.
- Não tem vista nem revista. Nem nariz de lagartixa.
- Mas que time é o teu?
- Andarái no seu gramado.
- Jacaré no seco anda?
- Cachorro que late n'água, late enterra.
- Jura?
- Juro como a cabeça da coisa é dura.
- Mas eu pensava.
- Pensando morreu um burro com cangalha e tudo.
- Posso comer?
- O que não mata, engorda.

- A coisa está feia.
- Feia só? Feia e meia.
- É mesmo. Ontem eu vi ela.
- Viela é um beco sem saída.
- Que horas são?
- As mesmas de ontem a essas horas.
- Então vamo-nos.
- Vamos nus porém vestidos.
- Veremos.
- Isso dizia o cego e nunca viu nada.
- Então, até o dia 29!
- Vá com Deus, a paz e o livramento. Se achar um buraco, cai dentro.

(*Veja*, 18/10/2006)

Já em se tratando dos demais tipos de textos-fonte — textos literários, jornalísticos, publicitários, políticos, bordões de programas humorísticos e outros —, o reconhecimento do intertexto é menos garantido, visto que depende da amplitude dos conhecimentos que o interlocutor tem representados em sua memória. A não apreensão do texto-fonte, nesses casos, empobrece a leitura ou praticamente impossibilita a construção de sentidos próximos àqueles previstos na proposta de sentido do locutor.

Um dos exemplos literários de intertextualidade — ora explícita, ora implícita — mais frequentemente citados é a “Canção do Exílio”, de Gonçalves Dias, que tem servido de intertexto a uma série de outros textos (de Casimiro de Abreu, Murilo Mendes, Oswald de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Mário Quintana, Dalton Trevisan, Jô Soares, Cacaso, Paulo Mendes Campos, José Paulo Paes e outros, bem como de trechos do Hino Nacional Brasileiro, da Canção do Expedicionário e de outras canções populares), em alguns dos quais temos captação e, em outros, subversão.

São exemplos de captação: os poemas “Canção do exílio”, de Casimiro de Abreu, “Nova canção do exílio”, de Carlos Drummond de Andrade, trechos do Hino Nacional Brasileiro e da Canção do ex-

pedicionário, “Canção do exílio facilitada”, de José Paulo Paes, entre outros. Constituem casos de subversão, por exemplo, os poemas “Canção do exílio”, de Murilo Mendes; “Canto de regresso à pátria”, de Oswald de Andrade; “Canção do exílio”, de Cassiano Ricardo; “Nova canção do exílio”, de Paulo Mendes Campos; “Canção do exílio”, de Dalton Trevisan; “Canção do exílio às avessas”, de Jô Soares.

• Captação:

Canção do exílio (Gonçalves Dias)

Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá
As aves que aqui gorjeiam
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas
Nossas várzeas têm mais flores
Nossos bosques têm mais vida
Nossa vida mais amores.

Não permita Deus que eu morra
Sem que volte para lá,
Sem que desfrute os primores
Que tais não encontro eu cá,
Sem que’inda aviste as palmeiras
Onde canta o sabiá.

Canção do exílio (Casimiro de Abreu)

Eu nasci além dos mares:
Os meus lares,
Meus amores ficam lá!
— Onde canta nos retiros
Seus suspiros,
Suspiros o sabiá!

Oh! Que céu, que terra aquela,
Rica e bela
Como o céu de claro anil!
Que seiva, que luz, que galas,
Não exalas,
Não exalas, meu Brasil!

Oh! Que saudades tamanhas
Das montanhas,
Daqueles campos natais!
Que se mira,
Que se mira nos cristais!

Não amo a terra do exílio
Sou bom filho,
Quero a pátria, o meu país,
Quero a terra das mangueiras
E as palmeiras
E as palmeiras tão gentis!

Como a ave dos palmares
Pelos ares
Fugindo do caçador;
Eu vivo longe do ninho;
Sem carinho
Sem carinho e sem amor!

Debalde eu olho e procuro...
Tudo escuro
Só vejo em roda de mim!
Falta a luz do lar paterno
Doce e terno,
Doce e terno para mim.

Distante do solo amado
— Desterrado —
a vida não é feliz.
Nessa eterna primavera
Quem me dera,
Quem me dera o meu país!

Hino Nacional Brasileiro (Joaquim Osório Duque Estrada)

[...]
Do que a terra mais garrida,
Teus risonhos, lindos campos têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida, em teu seio, mais amores...
[...]

Canção do Expedicionário

[...]
Por mais terras que eu percorra,
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte para lá...
Sem que leve por divisa
Esse V que simboliza a vitória que virá...

Nova Canção do Exílio (Carlos Drummond de Andrade)

Um sabiá na
palmeira, longe.
Estas aves cantam
um outro canto.
O céu cintila
sobre flores úmidas.
Vozes na mata,
e o maior amor.
Só, na noite,
seria feliz:
um sabiá,
na palmeira, longe.

Onde tudo é belo
e fantástico,
só, na noite,
seria feliz.
(Um sabiá,
na palmeira, longe.)
Ainda um grito de vida e
voltar
para onde tudo é belo
e fantástico:
a palmeira, o sabiá,
o longe.

Ainda Carlos Drummond de Andrade:

Meus olhos brasileiros se fecham saudosos.
 Minha boca procura a “Canção do Exílio”.
 Como era mesmo a “Canção do Exílio”?
 Eu tão esquecido de minha terra... Ai terra
 que tem palmeiras onde canta o sabiá!

• Subversão

Canção do Exílio (Murilo Mendes)

Minha terra tem macieiras da Califórnia
 Onde cantam gaturamos de Veneza
 Eu morro sufocado em terra estrangeira.
 Nossas flores são mais bonitas
 Nossas frutas são mais gostosas
 Mas custam cem mil réis a dúzia.
 Ai quem me dera chupar uma carambola de verdade
 E ouvir um sabiá com certidão de idade!

Canção do Exílio às avessas (Jô Soares)

Minha Dinda tem cascatas
 Onde canta o curió,
 Não permita Deus que eu tenha
 De voltar pra Maceió...
 Minha Dinda tem coqueiros
 Da ilha de Marajó
 As aves, aqui, gorjeiam
 Não fazem cocoricó... (Veja, 18/10/2006)

Cassiano Ricardo:

Esta saudade que fere
 mais do que as outras quiçá,
 Sem exílio nem palmeira
 onde cante um sabiá...

Oswald de Andrade:

Minha terra tem Palmares
onde gorjeia o mar
os passarinhos daqui
não cantam como os de lá
Minha terra tem mais rosas
E quase que mais amores
minha terra tem mais ouro
minha terra tem mais terra
Quero terra amor e rosas
Eu quero tudo de lá
Não permita Deus que eu morra sem que volte para lá
Não permita Deus que eu morra sem que volte para São Paulo
sem que veja a rua 15
E o progresso de São Paulo

Nova Canção do Exílio (Paulo Mendes Campos)

Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá
Mas meu rabicho é Paris
Onde sabiá não dá.
[...]
Minha terra tem mansão
Onde canta o carcará
Tem rede do Maranhão
Pra bem-bom de marajá.

Minha terra tem jardim
Onde canta Ali Babá
Vou dar uma de Aladim
Nos haréns de Bagdá.

Minha terra tem coqueiros,
Sabiá já foi pro brejo
Brasileiras, brasileiros,
Daqui vou pro Alentejo!

▶ Adeus, primeiro de abril!
Adeus, heróis do Brejal!
Vou enfiar o Brasil
Nesse trem de Portugal!

(*Jornal do Brasil*, 16/10/1988)

Canção do Exílio (Dalton Trevisan)

Não permita Deus que eu morra
Sem que daqui me vá
Sem que diga adeus ao pinheiro
Onde já não canta o sabiá
Morrer ó supremo desfrute
Em Curitiba é que não dá

Castigo bastante é viver em Curitiba
Morrer em Curitiba que não dá
Não permita Deus
A não ser bem longe daqui
Mais prazeres encontro eu lá

Não permita Deus
Sem que daqui me vá
Minha terra já não tem pinheiro
O sabiá não canta mais
Perdeu as penas enterrou no peito o bico afiado
De sangue tingiu a água sulfurosa do rio Belém
Ao último pinheiro

Em Curitiba é que não dá
Não permita Deus que eu morra
Sem que daqui me vá
Nunca mais aviste os pinheiros
Onde já não canta o sabiá

(In: *Pão e sangue*, Ed. Record, 1988)

Outra Canção do Exílio (Eduardo Alves da Costa)

Minha terra tem Palmeiras,
Corinthians e outros times
De copas exuberantes
Que ocultam muitos crimes

E cismar sozinho, ao relento,
Sob um céu poluído, sem estrelas,
Nenhum prazer tenho eu cá;
Porque me lembro do tempo
Em que livre na campina
Pulsava meu coração, voava,
Como livre sabiá; ciscando
Nas capoeiras, cantando
Nos matagais, onde hoje a morte
Tem mais flores, nossa vida

Mais terrores, noturnos,
De mil suores fatais
[...]
Não permita Deus que eu morra
Pelo crime de estar atento;
E possa chegar à velhice
Com os cabelos ao vento
De melhor momento.
Que eu desfrute os primores
Do canto do sabiá,
Onde gorjeia a liberdade
Que não encontro por cá.

CANÇÃO DO EXÍLIO



mapicalburo

SOBRE POESIA DE GONÇALVES DIAS

— Minha terra tem Ruberto Carlos, Runaldinho e Kaká, os jogadores que aqui jogam, não jogam como lá... Ó, pá... Ai, Jisuis...

Lance! Domingo, 13 de junho de 2004.